



MAGALI MARINHO SANTOS RODRIGUES NOVO

**UMA EXPERIÊNCIA DA UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NA
LEITURA DO CONTO “A CARTOMANTE” PARA UMA APRENDIZAGEM
SIGNIFICATIVA DO ALUNO**

JARDIM/MS

2010

MAGALI MARINHO SANTOS RODRIGUES NOVO

**UMA EXPERIÊNCIA DA UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NA
LEITURA DO CONTO “A CARTOMANTE” PARA UMA APRENDIZAGEM
SIGNIFICATIVA DO ALUNO**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Mato
Grosso do Sul, como requisito obrigatório para obtenção do
título de Licenciatura Plena em Letras: Português – Inglês.

Orientador: Prof^ª Msc. Roseli Peixoto Grubert.

JARDIM/MS
2010

MAGALI MARINHO SANTOS RODRIGUES NOVO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL
JARDIM/MS

**UMA EXPERIÊNCIA DA UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NA
LEITURA DO CONTO “A CARTOMANTE” PARA UMA APRENDIZAGEM
SIGNIFICATIVA DO ALUNO**

APROVADO EM: _____ / _____ / _____

Orientador: Profa. MSc. Roseli Peixoto Grubert
UEMS – Jardim/MS

Prof. MSc. Adélia M^a Evangelista Azevedo
UEMS – Jardim/MS

Prof^a. Michele Serafim dos Santos
UEMS – Jardim/MS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter permitido que eu concluísse esse trabalho com êxito, e à professora Roseli Grubert, minha orientadora, pelo carinho com o qual sempre me orientou neste trabalho.

Ao Sérgio e Clara, anjos da minha vida, que muito se sacrificaram para que eu pudesse concluir o curso de Letras na UEMS de Jardim/MS com louvor e glória. A vocês, amores de minha vida, toda a minha gratidão.

Não faças do amanhã
o sinônimo de nunca,
nem o ontem te seja o mesmo
que nunca mais.
Teus passos ficaram.
Olhes para trás...
mas vá em frente
pois há muitos que precisam
que chegues para poderem seguir-te.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar uma experiência da utilização de recursos tecnológicos na leitura do conto “a cartomante” para uma aprendizagem significativa do aluno. Foram apontados conceitos para alfabetização, alfabetização tecnológica, letramento, letramento digital e aprendizagem significativa, assim como o novo papel do professor diante das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação (NTCIs). Para demonstrar a importância do letramento digital do professor a fim de que ele possa fazer uso das tecnologias como práticas pedagógicas, consta neste trabalho um relato de uma atividade com alunos de uma escola pública. Os resultados a partir desta atividade demonstram o efetivo papel do professor no uso das tecnologias, para a aprendizagem significativa do aluno.

Palavras-chave: Letramento Digital, Aprendizagem Significativa.

ABSTRACT

This work has for objective to tell to an experience of the use of technological resources in the reading of the story “The Fortuneteller” for a significant learning of the pupil. Concepts with respect to literacy, technological literacy, literacia, digital literacia and significant learning had been pointed, as well as the new paper of the professor ahead of the New Technologies of Communication and Information (NTCIs). To demonstrate the importance of the digital literacia of the professor so that it can make use of the pedagogical technologies as practical, a story of an activity with pupils of a public school consists in this work. Of the results from this activity they demonstrate the effective paper of the professor in the one of the use of the technologies, for the significant learning of the pupil.

Word-key: Digital Literacia, Significant Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 – DA ALFABETIZAÇÃO AO LETRAMENTO DIGITAL	11
1.1 – DA ALFABETIZAÇÃO AO MULTILETRAMENTO	12
1.2 – APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	14
1.2.1 – O papel do professor para uma aprendizagem significativa do aluno.....	15
1.3 – ALFABETIZAÇÃO TECNOLÓGICA DO PROFESSOR.....	16
1.4 – LETRAMENTO DIGITAL	17
1.5 – AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO (NTCIS)	19
2 – CONTEXTO DA ATIVIDADE	21
2.1 – RELATO DE EXPERIÊNCIA E PESQUISA	21
2.1.1 – Tipos de Pesquisa.....	20
2.2 – CONHECENDO A ESCOLA.....	23
2.3 – A ATIVIDADE.....	23
2.4 – SOBRE MACHADO DE ASSIS.....	24
2.5 – SOBRE A OBRA.....	25
3 – ANÁLISE DOS DADOS	27
3.1 – RELATÓRIO INICIAL.....	27
3.2 – DO DESENVOLVIMENTO DOS SLIDES.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	38
Anexo 1: Conto “A Cartomante”	
Anexo 3: e-mails da atividade	
Anexo 2: Slides da Atividade Desenvolvida	

INTRODUÇÃO

Século XXI. O mundo está sendo invadido por novas tecnologias a cada momento, e cada vez mais, o acesso a elas tornam-se ainda mais fáceis e barato.

A dinamicidade das informações e das comunicações surpreende aqueles que não conseguem acompanhar a velocidade com que as novas informações surgem e se transformam, produzindo novas fontes.

Desconsiderar tal fato não é sábio, tampouco para o professor.

Ao professor, principalmente, a necessidade de estar conectado com as novidades do mundo tecnológico é crucial. Isso porque ele está diretamente ligado àqueles que mais desfrutam de todo esse celeiro digital: as crianças e os jovens. São eles a grande maioria que utiliza todos esses recursos disponíveis por apenas um clique. Um clique seguido de outro para ter acesso a todo tipo de conteúdo.

E nesta corrida contra o tempo para estar sempre a par das tecnologias disponíveis no mundo, estão os professores, em sua grande maioria, sempre a um passo atrás dos seus pupilos: seus alunos.

Desta forma, este trabalho tem por objetivo relatar uma experiência da utilização de recursos tecnológicos na leitura do conto “a cartomante” para uma aprendizagem significativa do aluno, e abordar os conceitos de alfabetização, alfabetização tecnológica do professor (Sampaio e Leite, 1999), letramento, letramento digital (Xavier 2005 e OCEMs 2006) e aprendizagem significativa (Moreira, 1997,2000).

A partir destes conceitos, uma atividade foi realizada em uma escola pública estadual na região Sudoeste do Mato Grosso do Sul para demonstrar como é possível utilizar as tecnologias para tornar as aulas mais atraentes e dinâmicas.

Outro ponto abordado e de igual importância é a do papel do professor diante das NTCIs¹.

Este trabalho evidenciou que a postura do professor diante dos recursos tecnológicos também precisa ser reavaliada. Ele precisa buscar letrar-se digitalmente para proporcionar ao aluno uma aprendizagem significativa, ou seja, respeitar o conhecimento prévio do aluno para que este construa seu próprio conhecimento, de forma pesquisadora e questionadora.

O professor passa da condição de transmissor de conhecimentos para orientador na construção de conhecimentos.

¹ Novas Tecnologias de Comunicação e Informação.

Letrar-se digitalmente implica em conscientizar-se destas mudanças e adequar-se a elas, de forma que isso proporcione o crescimento profissional do professor e a aprendizagem significativa do aluno.

Retomando o objetivo deste trabalho, o de relatar uma experiência da utilização de recursos tecnológicos na leitura do conto “a cartomante” para uma aprendizagem significativa do aluno e demonstrar a importância do uso das NTCIs em sala de aula, ele está estruturado da seguinte forma:

O Capítulo 1, da Fundamentação teórica, serão discutidos os conceitos de alfabetização e alfabetização tecnológica do professor, através de Sampaio e Leite (1999), letramento e letramento digital, ancorados por Xavier (2005) e pelas OCEMs (2006), em Sampaio e Leite (1999), para tratar da alfabetização tecnológica do professor, a conduta do professor em sala de aula diante das tecnologias, fundamentado em Santos (2008) e, em Moreira (1997; 2000), para falar sobre aprendizagem significativa.

No segundo capítulo, Contexto da Pesquisa, será descrito todo o percurso realizado com os alunos da escola pública na qual foi realizada a atividade sobre o conto “A Cartomante”. Neste capítulo, será apresentada a proposta da atividade e o retorno dos alunos por e-mail.

No terceiro e último capítulo será realizada a análise das atividades enviadas pelos alunos em meu e-mail, tais como algumas questões propostas e os slides preparados por eles em grupo.

Desta forma, este trabalho busca contribuir para uma reflexão do professor diante do seu papel frente às novas tecnologias às quais os alunos estão diretamente expostos.

CAPÍTULO 1

DA ALFABETIZAÇÃO AO LETRAMENTO DIGITAL

Tendo este trabalho o objetivo de relatar uma experiência da utilização de recursos tecnológicos na leitura do conto “A Cartomante” para uma aprendizagem significativa do aluno, neste capítulo serão abordados os conceitos de alfabetização e alfabetização tecnológica do professor, através de Sampaio e Leite (1999), letramento e letramento digital, ancorados por Xavier (2005) e pelas OCEMs (2006).

Para discutir a conduta do professor em sala de aula diante das tecnologias, este trabalho está fundamentado em Santos (2008) e, em Moreira (1997; 2000), para falar sobre aprendizagem significativa.

O artigo segundo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 (p. 2), de 20 de dezembro de 1996, diz que “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Diante de tal exposto, podemos perceber a importância da escola na construção de um ser humano responsável para com seus deveres na sociedade e, da mesma forma, para com sua família.

Não há como desvincular a formação humana da formação profissional do educando dentro da escola. Não há como “esvaziar” o aluno de suas experiências fora da escola para introduzir neste os valores considerados corretos por uma instituição de ensino. Mas então, o que se pode fazer?

O que pode e, conforme pesquisadores da área como Demo (2000), Ferraz (2002) e Ferrero (2002) entre outros, é necessário que seja feita a contextualização do aluno dentro da escola, fazendo com que ele sinta-se à vontade dentro do colégio, e que se identifique com tudo aquilo que será apresentado a ele durante o ano letivo.

Partindo-se do princípio de que o aluno só terá uma aprendizagem significativa se identificar o seu contexto dentro do ambiente escolar, e que este chega à escola com uma vasta bagagem extra-escolar de conhecimentos e experiências, o profissional da educação agregará mais uma responsabilidade em sua arte de educar: a de orientar seus alunos. (MOREIRA, 2000)

Uma orientação que busque o aprendizado, de forma responsável na construção do seu aprendizado. Mas para que essa orientação ocorra de forma sustentável, de acordo com

Xavier (2005), é preciso que o aluno esteja alfabetizado, letrado e multiletrado, assim como o professor.

Demo (2000, p. 1) declara que a aula expositiva tem papel coadjuvante para o aluno diante das possibilidades que as tecnologias propõem quando o professor incentiva seu espírito pesquisador e questionador. Assim, indispensável mesmo é só a presença do educador para a orientação do aluno na busca de seus próprios conhecimentos.

O autor afirma também que, futuramente, será impossível existir aula totalmente presencial, pois a aprendizagem virtual ganhará cada vez mais espaço.

Cabe ao professor então alfabetizar-se tecnologicamente e letrar-se digitalmente a fim de preparar-se para esse futuro tão próximo. (XAVIER, 2005)

1.1 – DA ALFABETIZAÇÃO AO MULTILETRAMENTO

No decorrer dos anos, o conceito de alfabetização sofreu inúmeras transformações. Aprofundando os conceitos de alfabetização cunhados por Soares (1985), Sampaio e Leite (1999) enfatizam que as concepções de alfabetização possuem dois pontos de vista.

A primeira consiste em definir alfabetização como o “processo mecânico de codificar a linguagem oral na linguagem escrita”, e vice-versa. A segunda estaria em “definir alfabetização como a apreensão e compreensão do mundo” (SAMPAIO E LEITE, 1999, p. 53).

No entanto, Soares (1985) expõe que os dois conceitos são parcialmente verdadeiros, uma vez que a linguagem escrita se expressa diferentemente da forma oral no momento da codificação desta.

Foucambert (1994), corroborando as ideias de Soares (1985), acrescenta que cada situação comunicativa inventa sua própria linguagem.

De acordo com Soares (1999) Emília Ferrero, no final da década de 70 e fundamentada na psicologia genética de Jean Piaget, considera que o alfabetizando participa do processo de aprendizagem. A leitura e a escrita passam a ser vistas como processos cognitivos de um sujeito ativo agindo sobre o objeto. Desta forma, o sujeito constrói seu próprio conhecimento.

A abordagem dos aspectos sociais e culturais também está inter-relacionada com o processo de alfabetização.

Neste sentido, Sampaio e Leite (1999, p. 54-55) dizem que Paulo Freire contribuiu muito para a evolução do conceito de alfabetização, ao afirmar que:

[...] a alfabetização é um meio para a conscientização do homem como criador de cultura, para a abertura de horizontes e o abandono de uma posição passiva diante da sociedade a partir do momento em que se apodera da escrita e a utiliza como um meio de expressão e libertação. [...] Através do contato com o mundo escrito o sujeito apreende mais sua cultura e nela se insere com poder maior de atuação.

Assim, uma concepção mais ampla de alfabetização vem se instaurando nas teorias e práticas pedagógicas: o letramento.

Para explicar o que é letramento, buscamos referências nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEMs), a partir de Monte Mor e Menezes de Souza (2006) e nas autoras Sampaio e Leite (1999).

Inicialmente, em tempos remotos, letramento era entendido apenas como uma mera aquisição da tecnologia da escrita alfabética, desvinculando-o de questões sociais, como inclusão e exclusão. (MENEZES DE SOUZA & MONTE MOR, 2006)

A escrita é a representação gráfica da linguagem formal. E, por assim ser, não está habilitada para a transcrição da oralidade em tempo real. Desta forma, ainda segundo as Menezes de Souza e Monte Mor (2006), os usuários das tecnologias da computação tiveram que criar um novo gênero textual para a comunicação em tempo real - MSN, ORKUT, etc. Nestes gêneros, os recursos audiovisuais são muito utilizados para dar à escrita a forma da oralidade. Todos esses recursos se interagem e criam uma nova forma de comunicação.

Então, letramento é o “desenvolvimento de capacidades diversas aliadas à produção de conhecimento que possibilitem o sujeito a expressar sua cultura e ter acesso a outros padrões culturais e sociais, permitindo uma leitura crítica da própria realidade [...]” (SAMPAIO & LEITE, 1999, p. 55), ou seja, ser letrado é ser capaz de associar as novas informações recebidas às antigas, proporcionando uma nova informação, um novo conhecimento.

Essa interação do sujeito com o meio e com o objeto proporciona uma revolução no conceito de alfabetização.

Não basta saber ler e escrever. “Ler a palavra é ler o mundo”, segundo Freire (ano, apud SAMPAIO e LEITE, 1999). Descobrir a mensagem do texto – seja ele verbal ou não-

verbal – e direcioná-la para a construção de um novo conhecimento, de forma consciente e crítica.

Segundo Menezes de Souza & Monte Mor (2006, p. 98.),

O letramento está intimamente ligado a modos culturais de usar a linguagem. [...] No passado, muitos estavam acostumados a pensar o letramento como se fosse a mera aquisição de uma tecnologia (a tecnologia da escrita alfabética) completamente desvinculada de uma língua ou de uma cultura específicas e, mais ainda, desvinculada de questões sociais, como a inclusão ou a exclusão.

No entanto, percebe-se que este afastamento entre escrita e cultura não ocorre, e que, ao contrário, a escrita está contextualizada de acordo com a cultura de um povo.

Assim, letramento consiste, além do domínio da leitura e da escrita, na assimilação do meio pelo sujeito, interagindo com ele de forma que produza conhecimentos autônomos e consistentes.

Nesta interação com o meio, várias habilidades são desenvolvidas pelo indivíduo na busca do uso mais adequado da língua diante das situações. E a partir do desenvolvimento destas habilidades, um novo conceito surge para abarcar o letramento visual e digital: o multiletramento.

Assim, o multiletramento surge *para dar conta da extrema complexidade desses novos e complexos usos da linguagem por novas comunidades de prática*. (MENEZES DE SOUZA & MONTE MOR, 2006)

1.2 – APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A aprendizagem significativa caracteriza-se pela interação cognitiva entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio (MOREIRA, 2000). Aprendemos a partir daquilo que já sabemos, sendo que este saber influencia diretamente em nossa aprendizagem.

Sendo assim, o aluno não é passivo diante da sua aprendizagem, mas sim construtor dela.

De acordo com Pelizzari *et alli* (2001/2002), para haver uma aprendizagem significativa é preciso haver condições para que esta ocorra. Primeiramente o aluno deve estar disposto a aprender, ou seja, não ter a intenção de decorar conteúdo, de memorizar.

Depois, necessita-se que o conteúdo escolar seja significativo, ou seja, que este tenha um sentido lógico para o aluno, para que assim, ele possa selecionar aquilo que tem significado para ele.

No aprendizado significativo, o aluno sempre transforma o seu conhecimento, ou seja, atribui significados pessoais, que lhe façam sentido. Os conceitos prévios do aluno interagem com os novos, e assim este formula uma nova significação para os seus conceitos, um novo conhecimento. Há um estabelecimento de idéias que, misturando-se com os conceitos já pré-estabelecidos, reorganizam as estruturas cognitivas. (MOREIRA, 1997)

Assim, é válido aquele conhecimento o qual foi adquirido de forma independente, autônoma, de vontade espontânea do aprendiz. Se o aprendizado ocorrer desta forma, então será significativo.

1.2.1 – O papel do professor para uma aprendizagem significativa do aluno

Para que o aluno construa seu conhecimento, ou seja, aprenda significativamente, é necessário que o professor reveja e adeque sua postura em sala de aula.

Inicialmente, é preciso que o professor entenda que o personagem principal do processo de aprendizagem é o aluno, e que este já possui um conhecimento prévio. Pensar que o aluno que aprende é aquele aluno que fica quieto durante toda a aula, sem manifestar-se ou emitir qualquer opinião, pode não ser a postura ideal do professor. Tal atitude o cansa e faz com que ele adoça. (SANTOS, 2008)

Outra atitude a ser tomada pelo professor é a de evitar de dar respostas prontas para o aluno. A partir do momento que o educador pense pelo educando, este desiste de questionar e formular suas próprias respostas, tornando-se passível e inseguro. O ideal é deixar com que o aluno questione e pense numa solução para os problemas apresentados. Desta forma, o seu aprendizado será significativo e a busca espontânea do aprendizado reforça o conhecimento do aluno. (SANTOS, 2008)

É preciso buscar novas formas para despertar a curiosidade do aluno para a busca de novas informações para a construção do seu conhecimento. Despertar aquele conceito prévio internalizado no educando para que o associe com as novas informações, e construir algo novo.

Quanto mais elaborado e enriquecido é um conceito, maior possibilidade ele tem de servir de parâmetro para a construção de novos conceitos. Isso significa dizer que quanto mais sabemos, mais temos condições de aprender. (SANTOS, 2008, p. 3)

É preciso estar sempre em busca da aprendizagem profunda, onde o aluno entende o significado daquilo que está estudando, e este entendimento parte do empenho do professor, em instigar o aluno na busca desta aprendizagem. (id, ibid)

O empenho que deve partir do professor inicia-se desde o momento em que o professor deixa de instruir o aluno em todas as tarefas, ou seja, que explique minuciosamente as atividades a serem realizadas, sem dar chance ao aluno de ele mesmo compreendê-la.

Também faz-se necessário que o professor eleve a auto-estima do aprendiz, propondo desafios de acordo com a capacidade deste resolver e oferecendo ajuda quando o aluno apresentar dificuldades. É a partir deste contexto acolhedor que acontece a aprendizagem significativa. (SANTOS, 2008)

Assim,

promover a aprendizagem significativa é parte de um projeto educacional libertador, que visa à formação de homens conscientes de suas vidas e dos papéis que representam nelas. É impossível ensinar liberdade, cerceando idéias, oprimindo participações e ditando verdades. Apercebermo-nos dessas atitudes é essencial para que iniciemos um real processo de transformação da nossa prática. (SANTOS, 2008, p. 9)

1.3 – ALFABETIZAÇÃO TECNOLÓGICA DO PROFESSOR

Diante dos conceitos de alfabetização e letramento expostos nos itens acima, podemos agora focar o tema da alfabetização tecnológica do professor e letramento digital.

Sampaio e Leite (1999, p. 73) colocam que:

Na alfabetização tecnológica do professor a intenção deve ser a de tornar este cidadão um profissional atuante na sociedade, que contribui com um trabalho educativo significativo, mais próximo da realidade do aluno, conferindo-lhe, assim, sentido aos seus olhos e aos olhos da população.

Os autores afirmam ainda que as tecnologias fazem parte da vida dos alunos fora da escola, e que justamente por isso, devem fazer parte dentro dela também.

É necessário que o professor esteja preparado tecnologicamente para saber em qual momento utilizar determinado tipo de instrumento tecnológico, para assim, proporcionar ao aluno o interesse na busca de seu aprendizado.

Assim, a alfabetização tecnológica do professor, segundo Sampaio & Leite (1999), consiste no domínio da maioria das tecnologias existentes que estão disponíveis na escola e na sociedade, de forma que consiga lidar com elas, interpretando sua linguagem e criando novas formas de expressão, distinguindo quando, como e por que são importantes e devem ser utilizadas no processo educativo.

É a pedagogia libertária de Paulo Freire presente neste tipo de atividade. Cabe ao aluno, e somente a ele, a busca pelo seu aprendizado. Mas a presença e orientação do professor são indispensáveis para a condução deste aluno na busca de fontes seguras e que realmente agregarão valores positivos que contribuirão para sua aprendizagem significativa.

1.4 – LETRAMENTO DIGITAL

Xavier (2005) define letramento como uma prática cultural, sócio e historicamente estabelecido, em que o cidadão é capaz de enxergar além dos limites do código, fazer relações com informações fora do texto falado e escrito e vinculá-los à sua realidade histórica, social e política. Mas, ainda que o indivíduo seja plenamente letrado, talvez o mesmo ainda seja um analfabeto ou um iletrado digital. Isso porque o mesmo possa não dominar as tecnologias disponíveis na sociedade, das quais os cidadãos façam uso.

Assim, letramento digital nada mais é do que a “realização das práticas de leituras e escritas diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização” (XAVIER, 2005, p. 2).

Em relação ao professor, ser letrado digitalmente significa reconhecer modos diferentes na utilização da linguagem verbal e não-verbal, realizar novas formas de leitura e escrita com diferentes abordagens pedagógicas que ultrapasse os limites físicos das instituições de ensino (XAVIER, 2005).

Ao letrar-se digitalmente, o professor proporciona ao aluno uma aprendizagem mais dinâmica, participativa e descentralizada de sua pessoa. Oferece ao estudante uma liberdade para que este tenha autonomia na construção do seu próprio conhecimento, sendo esta a base da aprendizagem significativa, abordada no item 1.3.

Segundo uma pesquisa realizada pela Ibope/NetRatings², a quantidade de pessoas que moram em domicílios com ao menos um computador com acesso à internet chegou aos 25 milhões, e 32,1 milhões de brasileiros já tem acesso à rede em outros locais, como no trabalho, na escola e universidade, por exemplo.

Dados da pesquisa indicam ainda que os jovens são a categoria que mais acessam a internet.

Tapscott (1999, apud XAVIER, 2005, p. 3) aponta algumas habilidades que são desenvolvidas nesta geração que está constantemente conectada à rede mundial de computadores, tais como:

- Independência e autonomia na aprendizagem;
- Abertura emocional e intelectual;
- Preocupação pelos acontecimentos globais;
- Liberdade de expressão e convicções firmes;
- Curiosidade e faro investigativo;
- Imediatismo e instantaneidade na busca de soluções;
- Responsabilidade social;
- Senso de contestação;
- Tolerância ao diferente;

Na análise de Tapscott (1999, p. 3), os adolescentes *ensinam e aprendem mutuamente, sem professor fixo ou pré-determinado*, da mesma forma como Demo (2000) afirma em sua entrevista no site educacional³, em anexo neste trabalho.

E já que o perfil do aluno mudou, o professor também deve preparar-se para mudar o seu, assim como suas práticas pedagógicas.

Xavier (2005, p. 3) coloca que o professor contemporâneo deve ser:

- Pesquisador, não mais repetidor de informação;
- Articulador do saber, não mais fornecedor único do conhecimento;
- Gestor de aprendizagens, não mais instrutor de regras;
- Consultor que sugere, não mais chefe autoritário que manda;
- Motivador da “aprendizagem pela descoberta”, não mais avaliador de informações

Então podemos concluir que, assim como não dá para existir letramento digital sem o letramento tradicional, não há como deixar de inserir no ambiente escolar as novas

² Informações disponíveis no site <http://www.inclusaodigital.gov.br/noticia/lbge-divulga-pesquisa-sobre-acesso-a-internet>, 2007.

³ Entrevista disponível no site www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0035.asp, acesso em 13/10/2010.

tecnologias de informação e comunicação, principalmente no que tange às práticas pedagógicas, para que ocorra uma real aprendizagem significativa do aluno.

1.6 – AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO (NTCIS)

Pode-se dizer que novas tecnologias de informação e comunicação são todos os meios que aproximam o aprendiz do conteúdo.

As NTCIs oportunizam sensíveis mudanças nas relações de poder, principalmente no convívio aluno-professor, e ampliam os locais e os tempos de aquisição de saberes e competências, antes restritos ao espaço/tempo hoje acanhado da sala de aula e suas extensões tradicionais (OLIVEIRA, 1999 p. 2)

São consideradas NTICs⁴, entre outras:

- Os computadores pessoais (*pcs, personal computers*).
- As câmeras de vídeo e foto para computador ou [webcams](#).
- A gravação doméstica de [cds](#) e [dvds](#).
- A [telefonía móvel](#) (telemóveis ou telefones celulares).
- A [TV por assinatura](#).
- TV a cabo.
- TV por [antena parabólica](#).
- O [correio eletrônico](#) (*e-mail*).
- As [listas de discussão](#) (*mailing lists*).
- A [internet](#).
- A [world wide web](#) – www (principal [interface gráfica](#) da internet).
- Os [websites](#) e *home pages*.
- Os [quadros de discussão](#) (*message boards*).
- O [streaming](#) (fluxo contínuo de áudio e vídeo via internet).
- O [podcasting](#) (transmissão sob demanda de áudio e vídeo via internet).
- As tecnologias digitais de captação e tratamento de [imagens](#) e [sons](#).
- A captura eletrônica ou digitalização de imagens ([scanners](#)).
- A [fotografia digital](#).
- O [vídeo digital](#).
- O [cinema digital](#) (da captação à exibição).
- O [som digital](#).
- A [TV digital](#) e o [rádio digital](#).
- As tecnologias de acesso remoto (sem fio ou *wireless*).
- Wi-Fi.
- Bluetooth.
- RFID.
- EPVC.

⁴ Conteúdo disponível no site wikipedia.org/wiki/novas_tecnologias_de_informacao

Diante de tantas tecnologias disponíveis para a sociedade, cabe ao professor ao menos conhecer os seus conceitos e selecionar aqueles que contribuirão para o desenvolvimento do seu trabalho e na aprendizagem significativa do aluno.

Dentre tantas informações disponíveis, e interativas entre si, o professor torna-se uma figura imprescindível na orientação do educando navegador. Indicar os sites seguros para informações corretas e que possam contribuir positivamente na aprendizagem do aluno é apenas uma das novas atribuições do professor da geração atual.

Não é o professor do futuro. É o professor de hoje, do presente, que precisa lançar mão das NTCIs em suas aulas para torná-las mais dinâmicas e interessantes, de forma que contextualize para o aluno o conteúdo estudado.

CAPÍTULO 2

CONTEXTO DA ATIVIDADE

Ressaltando que este trabalho tem por objetivo relatar uma experiência da utilização de recursos tecnológicos na leitura do conto *A Cartomante* para uma aprendizagem significativa do aluno, neste capítulo será apresentada a metodologia da atividade aplicada, assim como a descrição da escola e do trabalho desenvolvido com os alunos do 2º ano do Ensino Médio. Será realizada também uma breve apresentação do autor do conto *A Cartomante*, de Machado de Assis, bem como um resumo da obra.

Para colocar em prática o letramento digital do professor e do seu novo perfil, realizei uma atividade em uma escola pública no Sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul, na sala do 2º ano do Ensino Médio, com a colaboração da professora de Língua Portuguesa titular da sala.

A sala foi pré-determinada uma vez que o conteúdo por mim selecionado era compatível com o aplicado em sala de aula pela professora.

Para estabelecer definir meu trabalho como um relato e não como uma pesquisa, achei por bem apresentar o conceito de pesquisa, e desta forma, fiz a fundamentação teórica em Gil (2002) e Marconi e Lakatos (2006).

2.1 – RELATO DE EXPERIÊNCIA E PESQUISA

Neste item farei uma definição de relato de experiência e de pesquisa, a fim de esclarecer o objetivo do meu trabalho.

Um relato de experiência descreve a experiência e apresenta uma análise dos conceitos referentes ao trabalho realizado, descrição de procedimentos e metodologia de avaliação de resultados. Na introdução é realizada uma fundamentação teórica e os objetivos do estudo, incluindo a sua justificativa. A metodologia envolve a breve descrição dos participantes, instrumentos utilizados e procedimentos adotados, assim como o tipo de atividades propostas. Os resultados são o desfecho dos procedimentos, embasados teoricamente a partir da revisão da literatura realizada na introdução.⁵

Em relação ao conceito de pesquisa, Gil (2002) coloca que fazer pesquisa é defender uma ideia, fundamentando-a com bibliografias. Ele diz ainda que

⁵ Informações contidas no site www.msmedia.com/pospsico/docs/dirESPEC.doc, acessado em 21/12/2010.

pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos.

Marconi e Lakatos (2006) colocam que a finalidade de uma pesquisa é descobrir respostas para questões, mediante a aplicação de métodos científicos. Afirmam ainda que a pesquisa parte sempre de um tipo de problema, de uma interrogação.

Portanto, pesquisar é ir em busca de algo novo ou da confirmação de um cenário que já existe, considerando suas variáveis e os objetos envolvidos.

As pesquisas podem classificar como *exploratórias, descritivas e explicativas* (GIL, 2002, p. 41).

Quanto às pesquisas exploratórias, Gil (2002) coloca que estas têm como objetivo familiarizar o problema para torná-lo mais claro, a fim de construir hipóteses. Procuram aprimorar idéias ou a descoberta de intuições. Assumem as formas de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso.

As pesquisas descritivas *buscam a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então, o estabelecimento de relações entre variáveis* (GIL, 2002: p. 42).

A autora ainda coloca que as pesquisas descritivas geralmente assumem forma de levantamento.

As pesquisas explicativas identificam os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. É a pesquisa que mais se aprofunda no conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Ainda conforme a autora, pode-se dizer que o conhecimento científico está apoiado nos resultados dos estudos explicativos. (Gil, 2002)

Dessa forma, analisando os conceitos de relato de experiência e de pesquisa, podemos concluir que este trabalho trata-se de um relato de experiência, com o objetivo de relatar uma experiência da utilização de recursos tecnológicos na leitura do conto *A Cartomante* para uma aprendizagem significativa do aluno.

2.2 – CONHECENDO A ESCOLA

A escola participante das atividades propostas para a elaboração desta pesquisa é estadual e encontra-se no Sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul.

Pesquisando a escola, pude obter as informações de que a mesma atende o Ensino Fundamental I e II, o Ensino Médio e o EJA (Educação para Jovens e Adultos) nos períodos matutino, vespertino e noturno.

Conta com apenas uma sala de tecnologia com 24 computadores com acesso à internet. Nesta sala há um professor responsável em agendar e monitorar junto com o professor as atividades realizadas nela.

Cada professor tem direito a utilizar a sala duas vezes por mês com cada turma, com agendamento prévio e plano de aula específico. O próprio professor, com o auxílio da professora da sala de tecnologia, é quem conduz a aula.

Conversando com alguns professores desta mesma escola, pude observar que alguns utilizam a sala por exigência da direção da escola, e que outros acabam por utilizar a sala mais vezes do que é permitido, devido à disponibilidade dos horários.

A sala participante deste projeto é o 2º ano do Ensino Médio, com 32 alunos, na disciplina de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, juntamente com a professora titular da sala.

2.3 – A ATIVIDADE

Para fazer uma atividade na qual as tecnologias de informação e comunicação pudessem ser utilizadas, primeiramente selecionei o conto “A cartomante”, de Machado de Assis, para que a sala fizesse sua leitura.

Tal conto já havia sido selecionado por mim antes de conversar com a professora da sala, por considerar que esse tinha uma temática que agradaria à turma e pela linguagem mais próxima da realidade do aluno. Outro motivo da escolha foi o de que o material didático que os alunos utilizavam na escola apresentava o conto na íntegra.

Inicialmente minha proposta seria a leitura virtual do conto pelos alunos, num site que eu indicaria.

No entanto, devido à impossibilidade dos alunos terem acesso à sala de tecnologia da escola no período da leitura do conto, indiquei a leitura no material didático para então fazermos a discussão do conto através de relatórios enviados a mim por e-mail.

No relatório deveriam constar as respostas para três questões:

- 1) Você já tinha lido alguma obra de Machado de Assis?
- 2) Qual foi sua primeira impressão sobre “A Cartomante”?
- 3) Você ficou interessado em ler outros contos?

A formulação destas questões teve como objetivo apenas nortear o meu primeiro contato com a turma. Nós ainda não havíamos nos encontrado, e conduzir a primeira atividade me pareceu uma forma mais amistosa para a adesão dos alunos na participação das atividades.

Tais questões foram enviadas à professora da sala por e-mail, para que a mesma pudesse apresentá-las aos alunos.

Estes, após a leitura do conto, responderam tais questões e enviaram ao meu e-mail pessoal. Desta forma, pude cadastrar seus e-mails para manter comunicação.

Após a leitura de todos os e-mails e a tabulação das respostas dadas pelos alunos, enviei um e-mail de resposta para cada aluno agradecendo a participação e propondo a próxima atividade: a criação de slides no programa Power Point, associando o conto *A Cartomante*, de 1895, com imagens atuais.

Tal associação tem como objetivo analisar a leitura que o aluno fez sobre o conto lido e sua visão sobre o contexto do conto e o contexto do aluno.

Formaram-se cinco grupos na sala, e cada grupo enviou seus slides para o meu e-mail. Além de imagens, os slides também deveriam apresentar o trecho do conto que foi ilustrado.

Desta forma, tais atividades contribuem para o início do letramento desses alunos, de forma que este se construa de forma concreta, despertando o senso crítico diante de um texto.

2.4 – SOBRE MACHADO DE ASSIS

A escolha de uma obra de Machado de Assis foi justamente pela rejeição que este sofre pela maioria dos estudantes adolescentes, por considerar sua linguagem muito arcaica e de difícil compreensão, principalmente pelo tom irônico das críticas sociais fortemente presentes nas obras de Machado.

Para compreender melhor a escolha do conto, faz-se necessário uma breve leitura sobre a biografia de Machado de Assis, autor de “A Cartomante”.

Joaquim Maria Machado de Assis nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, era mulato, neto de escravos alforriados, pobre e epilético⁶. Tornou-se jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da Cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras⁷.

As obras de Machado de Assis podem ser divididas em duas fases: na primeira fase – fase romântica – os personagens de suas obras possuem características românticas, sendo o amor e os relacionamentos amorosos os principais temas de seus livros. Na segunda fase – fase realista – Machado de Assis abre espaços para as questões psicológicas dos personagens. É a fase em que o autor retrata muito bem as características do realismo literário. Machado de Assis faz uma análise profunda e realista do ser humano, destacando suas vontades, necessidades, defeitos e qualidades⁸.

Não há como classificar Machado de Assis como romântico ou realista, uma vez que possui características das duas correntes literárias.

Com um tom de ironia, suas obras sempre foram marcadas por críticas à sociedade, mesmo que de forma camuflada.

2.5 – SOBRE A OBRA

A Cartomante enquadra-se na fase realista do escritor. Tal conto encontra-se no livro “Várias Histórias” (1895), e apresenta um triângulo amoroso, numa história de traição, tema ainda atual.

Para melhor compreender o trabalho proposto aos alunos deste projeto, segue abaixo um breve resumo sobre o conto.

Vilela e Camilo eram dois amigos de infância que se reencontraram. Camilo era solteiro e Vilela casado com Rita. Os três mantiveram por muito tempo um relacionamento de amizade intensa, e com o passar do tempo, Rita e Camilo tornaram-se amantes devido à ausência de Vilela motivada pela morte de sua mãe. Encontraram-se durante muito tempo às escondidas, até que Camilo começou a receber cartas anônimas ameaçadoras, relatando a traição. Devido às cartas, e ao medo de ser denunciado, Camilo decidiu se afastar de Rita, deixando de visitar a sua casa. Rita pensou que a amava mais, e desta forma procurou uma cartomante para saber se Camilo ainda a amava. Os dois se reencontraram e Camilo, que não acreditava nessas coisas, zombou de Rita. Um tempo depois Camilo recebe uma carta de Vilela pedindo que fosse urgentemente a sua casa. Camilo logo imaginou que Vilela havia descoberto a traição e, muito preocupado e confuso, se foi a casa de Vilela. No meio do

⁶ Disponível em www.culturabrasil.pro.br

⁷ Disponível em www.machadodeassis.org.br, site da Academia Brasileira de Letras

⁸ Disponível em www.suapesquisa.com.br, acessado em 13/10/2010.

caminho, uma carroça atravessada pela rua fez Camilo parar justamente na casa da cartomante. Como já estava desesperado, Camilo, que não acreditava nestas coisas, imaginou ser obra do destino, e decidiu se consultar com a cartomante. Esta, consultando as cartas, disse-lhe para não ter medo de nada, e que Vilela nada sabia, e que ele e Rita seriam felizes futuramente. Confiante, Camilo voltou a se dirigir a casa de Vilela e, ao chegar lá, se deparou com Vilela transtornado, Rita assassinada, e ainda levou dois tiros.

Como se vê, o tema do conto A Cartomante ainda é muito atual, embora tenha sido escrito em 1895.

Nesta obra, Machado de Assis ataca a instituição mais onipotente da época: o casamento. Critica a sociedade hipócrita que sustenta um casamento nas aparências, como status social.

Assim como no século XIX, ainda hoje, no século XXI, as pessoas veem no casamento uma alavanca social, ou seja, uma possibilidade de ganhar o respeito da sociedade apenas pelo sobrenome de outrem.

Talvez seja por isso que o conto A Cartomante chamou tanto a atenção dos alunos desta atividade e que os mesmos relataram ter sido a leitura tranqüila e de fácil compreensão. Devido ao tema ainda atual, os alunos puderam contextualizar o conto ao seu conhecimento de mundo, e por que não, à sua realidade.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS DADOS

Tendo este trabalho o objetivo de relatar uma experiência da utilização de recursos tecnológicos na leitura do conto *A Cartomante* para uma aprendizagem significativa do aluno, fundamentados em Sampaio e Leite (1999), Xavier (2005), Moreira (1997;2000) e Monte Mor e Menezes de Souza (2006), a atividade foi dividida em 2 etapas, como relatados na p.21, no item *Atividade*..

Assim, a partir deste capítulo, vamos ver e analisar os resultados da participação destes alunos na atividade.

3.1 – RELATÓRIO INICIAL

Neste item faremos uma abordagem sobre as respostas dos alunos para as três primeiras questões por mim elaboradas, enviadas pelos alunos por e-mail. Farei a análise comentando as respostas destes alunos através de fragmentos dos seus e-mails. As questões eram: *Você já tinha lido alguma obra de Machado de Assis?*, *Qual foi sua primeira impressão sobre “A Cartomante”?* e *Você ficou interessado em ler outros contos?*

Podemos perceber através da leitura dos e-mails que os alunos foram praticamente unânimes com um “não” nas questões *Você já tinha lido alguma obra de Machado de Assis?* e *Você ficou interessado em ler outros contos?*, comprovando que ficaram muito interessados em ler outros tipos de contos após essa leitura de forma diferente. Diferente porque, apesar de a terem feito no livro didático, fizeram-na para uma atividade diferente, da qual nunca haviam participado antes.

Em relação à questão 1, *Você já tinha lido alguma obra de Machado de Assis?*, A maioria dos alunos foi enfática na resposta *não*. Isso porque, até então, não haviam estudado contos e nenhuma outra obra de Machado de Assis no colégio.

Na questão 2, *Qual foi sua primeira impressão sobre “A Cartomante”?*, A grande maioria também foi unânime em dizer que acharam muito interessante, considerando que o tema ainda era bem atual.

E na questão 3, *Você ficou interessado em ler outros contos?*, A maioria disse que gostaria muito de ler outros tipos de contos e que gostaram da experiência de ler o texto.

Veja abaixo alguns fragmentos dos e-mails enviados pelos alunos. Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos mesmos. Os fragmentos foram corrigidos na ortografia durante sua transcrição deste trecho do trabalho.

João: 1º) Não. 2º) Quando li o título fiquei interessado “O casamento, adultério, a alma humana”. E pela primeira vez da minha vida tinha nessas histórias um final violento. 3º) Sim.

Maria: 1º) Não, esta foi a primeira vez que li um conto de Machado de Assis. 2º) É que fala sobre o amor impossível que eles não pode realizar, pois não fala somente de duas pessoas, mas sim de três. Hoje ainda há histórias parecidas como o conto A Cartomante. 3º) Sim.

Joana: 1º) Não. 2º) O conto é muito interessante, pois até hoje existem casos que se retrata ao conto, de uma traição acabar da mesma forma. Machado de Assis nos mostra um conto do século XIX que até hoje está marcado em nossa vida. Quem nunca leu, não sabe o que está perdendo. 3º) Não.

Pedro: 1º) Não, nunca havia lido. 2º) Um conto muito detalhista. 3º) Com certeza! Eu não tinha o costume de ler muitos contos, mas depois deste certamente procurarei outros.

Depois da leitura de todos os relatórios, enviei outro e-mail para que passássemos então para a segunda etapa do trabalho: a elaboração dos slides no programa Power Point.

3.2 – DO DESENVOLVIMENTO DOS SLIDES

Os slides fizeram parte de outra etapa da atividade, na qual os alunos deveriam associar trechos do conto “A Cartomante” com imagens contemporâneas, dando ênfase ao seu tema ainda atual.

Esta atividade tinha por objetivo fazer com que os alunos buscassem a interpretação da escrita do conto para transformá-la em imagens.

Essa interpretação própria do aluno, sem interferências do professor, ajuda-o a compreender o texto de uma forma significativa. Moreira (1997;2000), diz que a aprendizagem significativa caracteriza-se pela interação cognitiva entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio e que aprendemos a partir daquilo que já sabemos, sendo que este saber influencia diretamente em nossa aprendizagem, e Demo (2000), afirma que apesar de a aula expositiva ser coadjuvante para o aluno, a presença do professor para orientá-lo é imprescindível.

Para a elaboração dos slides, orientei por e-mail, anexado neste trabalho, que a sala formasse 5 grupos de 4 pessoas. Depois, o grupo deveria dividir o conto em etapas e recontá-lo em forma de slides, usando o programa Power Point, na versão Windows XP.

Nos slides deveriam conter trechos do conto e imagens atuais que o ilustrassem para fazer uma relação atemporal e ilustrar aquilo que compreenderam. Também foi dado um prazo para que enviassem o trabalho para o meu e-mail.

Recebi três trabalhos em meu e-mail, totalizando 17 alunos.

A maioria dos slides apresentou imagens sobre traição, enfatizando a figura da mulher bonita e sensual. Essa ênfase demonstra o conhecimento prévio (MOREIRA, 1997;2000) que o aluno tem sobre a situação da instituição do matrimônio atualmente. E assim, ele associa sua leitura do conto com aquilo que ele conhece.

Farei a análise dos slides de dois grupos, e os chamarei de Grupo 1 e Grupo 2.

O Grupo 1, composto por cinco, fez associações muito interessantes, uma vez que a maioria das imagens remete a cenas de novelas brasileiras, principalmente da novela *Passione*, de Aguinaldo Silva. Outro fator interessante é que o Grupo 1 resumiu o conto, ilustrando de acordo com seu próprio texto.

O slide abaixo inicia a apresentação dos slides do Grupo 1, mostrando o triângulo amoroso existente entre os personagens Mauro, Diana e Gerson, da novela *Passione*, transmitida pela Rede Globo de Televisão. Tal triângulo amoroso faz menção aos personagens machadianos de *A Cartomante* Vilela, Rita e Camilo.



No próximo slide, outros dois personagens também integrantes de um triângulo da mesma novela, sendo Agnello, Estela e Saulo.



Outro




A H

triângulo estabelecido na novela *Passione*, vivido por Fred, Clara e Totó.



Nos
slides



Após
perda,
do en

abaixo, o Grupo 1 ilustra a morte de Rita com a morte de Diana, da novela global, e a briga entre Gerson e Mauro por Diana, fazendo alusão ao trecho do conto onde Vilela discute com Camilo e o segura pela gola da camisa, ilustrando o desfecho da morte deste último.

2 fez

Já o
Grupo



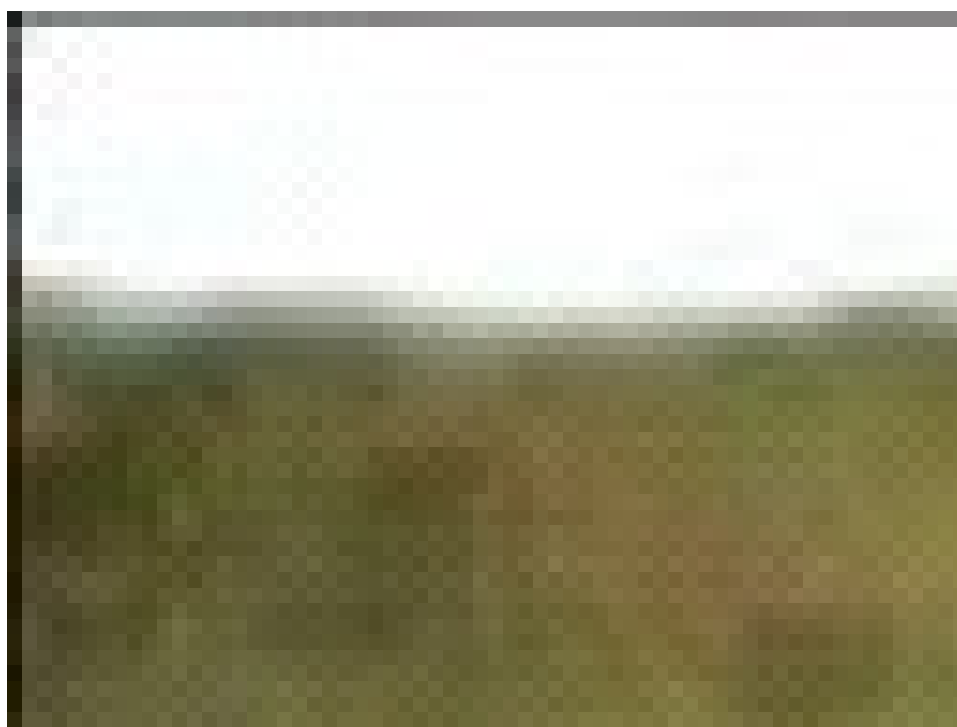
Então

associações com vários tipos de imagens e colocou o conto praticamente na íntegra, sem resumi-lo totalmente. Outra observação importante é que, em praticamente todas as telas, as imagens foram associadas à primeira frase do trecho do conto ilustrado. Veja alguns slides abaixo:





Outra característica marcante do grupo foi a comicidade das imagens utilizadas para ilustrar um conto machadiano de final trágico. Observe:





Após o envio dos slides, fui até a escola agradecer pessoalmente aos alunos e atender ao pedido dos mesmos para que pudessem me conhecer. Fui muito bem recebida e indaguei sobre as dificuldades que eles encontraram em achar as imagens e associá-las. Os grupos responderam que praticamente não houveram, uma vez que muitas imagens de traição estão disponíveis na internet, principalmente em relação ao conto A Cartomante.

Alguns disseram que assistiram a vídeos no site You Tube sobre o conto, e que se inspiraram neles para produzir seus slides.

Ao acessar o site, percebi vários trabalhos postados sobre o conto, o que provavelmente facilitou o trabalho dos alunos participantes da atividade.

Alguns destes trabalhos apresentaram a forma de fotonovela, muito interessante para ser trabalhada em sala, que certamente motivará aos alunos, uma vez que se trata de uma atividade escolar incomum.

Os alunos afirmaram terem vivenciado uma experiência diferente, da qual ainda não haviam participado, e que devido a isso, ficaram curiosos e motivados em realizar a atividade. Essa curiosidade na busca da realização das atividades, na solução de problemas, caracteriza a aprendizagem significativa. (Moreira (1997;2000).

Quando perguntei se já tinham participado de uma atividade como esta, a maioria respondeu que não, mas que gostou muito. Outros disseram que já haviam usado o

computador para realizar trabalhos escolares, mas não da forma como foi feito, enviando relatórios através de e-mails para um professor “à distância” e desconhecido.

Assim, Sampaio e Leite (1999) têm razão quando escreveram o livro “Alfabetização Tecnológica do Professor”, afirmando que os professores devem buscar lidar pedagogicamente com as tecnologias a fim de tornar a aula mais dinâmica e atraente.

É imperativo promover o letramento digital do professor (Xavier, 2005) para que este possa orientar aos alunos de forma transformadora e democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do aporte teórico e da pesquisa realizada neste trabalho, podemos concluir que a importância da formação tecnológica do professor e do uso dos recursos tecnológicos em sala de aula para uma aprendizagem significativa do aluno é indiscutível para a grande maioria dos autores.

Mesmo considerando a aula expositiva como coadjuvante para o aluno, como afirma Demo (2000), o professor ainda é o mediador fundamental entre o aluno e o conhecimento.

Partindo dos conceitos de alfabetização e alfabetização tecnológica do professor, através de Sampaio e Leite (1999), letramento e letramento digital, ancorados por Xavier (2005) e pelas OCEMs (2006), e da importância da formação tecnológica do professor (Sampaio e Leite, 1999) para uma aprendizagem significativa (Moreira, 1997; 2000) do aluno, podemos discutir qual a conduta ideal do professor em sala de aula diante das tecnologias (Santos, 2008).

Ficou evidente que, antes de qualquer coisa, o aprendizado significativo do aluno só ocorre se houver uma mudança na postura do professor diante do novo contexto no qual o aluno está inserido. Contexto este que abrange as NTCIs (Novas Tecnologias de Comunicação e Informação), meios pelos quais os educandos têm disponíveis informações de forma dinâmica e rápida, sem a presença do professor. Esse contato direto entre aprendiz e informações faz com que o professor assuma uma nova condição: a de orientador.

Neste novo papel, o professor precisa estar consciente de que o aluno é o centro do processo de aprendizagem, e que este já possui um conhecimento prévio, um conhecimento de mundo.

Com esta consciência, o professor conseguirá ajudar ao aluno a seguir no caminho mais seguro para desenvolver e construir seu próprio conhecimento, de forma significativa.

Uma das formas mais eficazes do professor ajudar ao aluno nesta construção de saberes é compreender as NTCIs e incluí-las na rotina escolar, de uma forma que o educando relacione seu conhecimento prévio com aquilo que está sendo proposto. Porém, a forma com as salas de tecnologias são utilizadas nas escolas deve ser revista, uma vez que a quantidade de aulas disponíveis para cada professor trabalhar é insuficiente, o que faz com que alguns professores acabem por não utilizar a sala de tecnologia.

Hoje, uma grande parcela da população tem acesso à internet e se mantém conectada diariamente. E uma significativa porcentagem desta população refere-se aos jovens em idade escolar.

Sendo assim, ao professor cabe letrar-se digitalmente, ou seja, saber utilizar os recursos tecnológicos disponíveis e adequá-los em suas aulas, ao conteúdo estudado em sala.

A pesquisa neste trabalho apresentada mostrou que, quando as tecnologias são utilizadas na aula, principalmente se forem computadores e internet, esta torna-se mais dinâmica e a resposta dos alunos ao conteúdo é muito mais significativa e dinâmica.

Outra observação muito importante é a da aproximação do aluno com o professor. Nas atividades realizadas neste trabalho, acabei por fazer algumas amizades virtuais. A troca de e-mails foi constante com alguns alunos, mesmo quando não se tratava do assunto da pesquisa.

Foi uma experiência muito enriquecedora tanto para mim, e acredito, quanto para os alunos.

Este trabalho foi somente o primeiro passo para muitas outras atividades e experiências que poderão ser feitas a partir desta, e ajudar a desenvolver nos alunos outros letramentos, tal como o letramento crítico, e multiletramentos.

Desta forma, espero que este trabalho venha contribuir para a motivação do professor em letrar-se digitalmente e trilhar seu caminho na missão de educar o cidadão para a profissão e para a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*, 6ª edição, São Paulo: Atlas, 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 1. ed., São Paulo: Atlas, 2002.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*, 7. ed. - São Paulo: Cortez, 2000.

MOREIRA, Marco Antonio e MASINI, Elcie Aparecida S. *Aprendizagem significativa: a teoria de aprendizagem de David Ausubel*. São Paulo: Editora Moraesp(1982).

MOREIRA, Marco Antonio. Mapas Conceituais e Aprendizagem Significativa. 1997. disponível em <www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf>. Acesso em: 19 out. 2010.

SANTOS, Júlio César Furtado dos. *O papel do professor na promoção da aprendizagem significativa*. Disponível em <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/aprendizagem/sign/index.php?2008>>. Acesso em: 19 out. 2010.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever*. São Paulo, Cortez: 2002.

OLIVEIRA, Gerson Pastre. *Novas tecnologias da informação e da comunicação e a construção do conhecimento em cursos universitários: Reflexões sobre acesso, conexões e virtualidade*. Disponível em <<http://www.rioeoi.org/deloslectores/344Pastre.pdf>> p. 2. Acesso em: 19 out. 2010.

PELIZZARI, Adriana Et. Al. *Teoria da Aprendizagem Significativa segundo Ausubel*. Curitiba, jul. 2001-jul. 2002. Disponível em <www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/.../teoria_da_aprendizagem.pdf>. Acesso em: 19 out. 2010.

MENEZES DE SOUZA, L. M. & MONTE MOR, W. (2006) Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Línguas Estrangeiras. In: *Linguagens, Códigos e Tecnologias*. Brasília: MEC. Capturado em <<http://www.mec.gov.br/seb>>

ANEXOS

A Cartomante Machado de Assis

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês de veras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muito cousa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se, Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbons, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranjou um

emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranjou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor *di femina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rerear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda

algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com a das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando na pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, — o que era ainda peor, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas, assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

— Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim...

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as

outras estavam abertas e peçadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: "Vem já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumada por uma janela, que dava para os telhados do fundo. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez as cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuradas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável mais cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tílburí esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.



- Foi por esse tempo que a febre comandou a meditação. Como é costume para o caso de febre sobre a identificação, causou o procedimento de Camilo. Após que a contagem nos 10 minutos seguintes, e que o repouso repentinamente por ele, que se tornou a contagem. Alguns dias depois, Camilo acabou se recuperando e voltou a trabalhar. Os exames seguintes não mostraram nenhuma alteração da urina, mas depois de alguns dias de internação, foi feita a análise de urina que mostrou que a urina é purpúrea e suava, não pela tempo nem papel, só o interesse alto e protópio.

13



- Deu per si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse; e rápido; enfiou pelo comedor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o cocheiro pegajoso, mas ele não viu nem sentir nada.

17

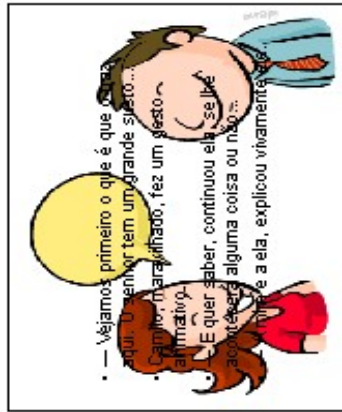


- Quando um belo dia, Camilo chegou ao trabalho com a febre, a temperatura estava alta, ele estava muito cansado e com dores no corpo. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas sabia que estava muito doente. Ele foi ao médico e ele lhe deu um diagnóstico. Ele disse que ele estava com febre, e que ele precisava descansar e tomar medicamentos. Ele disse que ele precisava de um tempo de recuperação. Ele disse que ele precisava de um tempo de recuperação. Ele disse que ele precisava de um tempo de recuperação.



- Herivamos aparcuimas, da a algum tempo, a ela começou a ficar triste, sem jeito, e parecia estar descontente. Ela não se dava ao trabalho de sair do quarto, e só se levantava para ir ao banheiro. Ela parecia estar triste, e parecia estar descontente. Ela não se dava ao trabalho de sair do quarto, e só se levantava para ir ao banheiro. Ela parecia estar triste, e parecia estar descontente.

14



- — Vejamos primeiro o que é que aconteceu aqui, o senhor tem um grande siso...
- Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.
- E quer saber, continuou ela, se lhe acontecer alguma coisa ou não...
- — Vou lhe explicar, explicou vivamente a mulher.

18

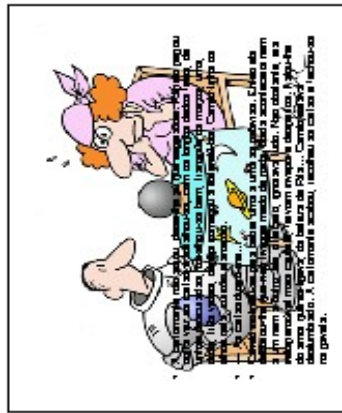


- Quando um belo dia, Camilo chegou ao trabalho com a febre, a temperatura estava alta, ele estava muito cansado e com dores no corpo. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas sabia que estava muito doente. Ele foi ao médico e ele lhe deu um diagnóstico. Ele disse que ele estava com febre, e que ele precisava descansar e tomar medicamentos. Ele disse que ele precisava de um tempo de recuperação. Ele disse que ele precisava de um tempo de recuperação.



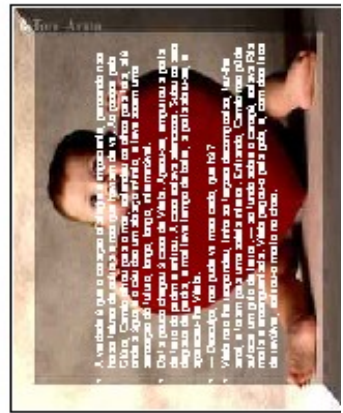
- Camilo estava inquieto e sem jeito. Ele não se dava ao trabalho de sair do quarto, e só se levantava para ir ao banheiro. Ele parecia estar triste, e parecia estar descontente. Ele não se dava ao trabalho de sair do quarto, e só se levantava para ir ao banheiro. Ele parecia estar triste, e parecia estar descontente.

15



- Quando um belo dia, Camilo chegou ao trabalho com a febre, a temperatura estava alta, ele estava muito cansado e com dores no corpo. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas sabia que estava muito doente. Ele foi ao médico e ele lhe deu um diagnóstico. Ele disse que ele estava com febre, e que ele precisava descansar e tomar medicamentos. Ele disse que ele precisava de um tempo de recuperação. Ele disse que ele precisava de um tempo de recuperação.

19



- Quando um belo dia, Camilo chegou ao trabalho com a febre, a temperatura estava alta, ele estava muito cansado e com dores no corpo. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas sabia que estava muito doente. Ele foi ao médico e ele lhe deu um diagnóstico. Ele disse que ele estava com febre, e que ele precisava descansar e tomar medicamentos. Ele disse que ele precisava de um tempo de recuperação. Ele disse que ele precisava de um tempo de recuperação.



- Mas o meu tempo do estado veio agravar-me e como logo. O tempo veio e o estado fardado a minha paragem. Como se não fosse a minha paragem, eu não teria a minha paragem. Como se não fosse a minha paragem, eu não teria a minha paragem.

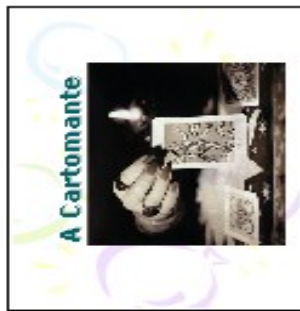
16



- Quando um belo dia, Camilo chegou ao trabalho com a febre, a temperatura estava alta, ele estava muito cansado e com dores no corpo. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas sabia que estava muito doente. Ele foi ao médico e ele lhe deu um diagnóstico. Ele disse que ele estava com febre, e que ele precisava descansar e tomar medicamentos. Ele disse que ele precisava de um tempo de recuperação. Ele disse que ele precisava de um tempo de recuperação.

20





1



2



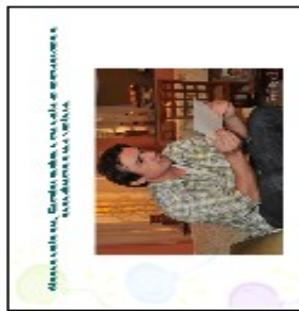
3



4



5



6



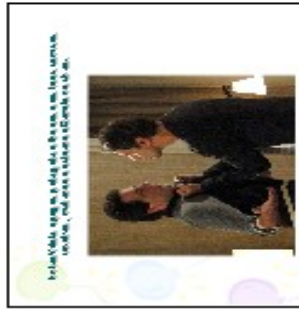
7



8



9



10



11



12